

## Aspectos da prática vocal: uma análise dos processos fonológicos de sândi externo na canção brasileira de câmara

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: PERFORMANCE

*Jeanne Rocha*

UNILA – *jeanne.rocha@unila.edu.br*

**Resumo:** O artigo disponibiliza resultados de pesquisa concluída, cujo recorte trata-se dos processos fonológicos de junção intervocabular, ou sândi externo, na canção brasileira de câmara. Com base em Bisol (1992; 2002; 2010), Cristófar-Silva (2010; 2011), entre outros, foram analisadas as ocorrências de elisão, degeminação e ditongação, as variações livres e as não realizações de sândi externo em função do ritmo musical com foco nas resoluções fonéticas de prestígio ou estigma destas junções, em relação ao português brasileiro. Os resultados mostram a necessidade de estudos que melhor orientem a aplicação destes processos no referido repertório.

**Palavras-chave:** Pedagogia vocal. Canção brasileira de câmara. Português brasileiro cantado. Fonética para cantores. Sândi externo.

**Aspects Of Vocal Practice: An analysis Of The Phonological Process Of External Sandhi In The Brazilian Art Song**

**Abstract:** The article provides results of completed research, whose cut deals with the phonological processes of intervocabulary junction, or external sandhi in the Brazilian Art Song. Based on Bisol (1992, 2002, 2010), Cristófar-Silva (2010, 2011), among others, were analyzed the occurrence of elision, degemination and ditongation, free variations and non-realizations of external sandhi in function of musical rhythm focusing on the phonetic resolutions of prestige or stigma of these joints, in relation to Brazilian Portuguese. The results show the need for studies to better guide the application of these processes in this repertoire.

**Keywords:** Vocal Pedagogy. Brazilian Art Song. Brazilian Portuguese Sung. Phonetics For Singers. External Sandhi.

Em seu livro “Como falam os brasileiros”, Yonne Leite e Dinah Callou (2005) tratam sutilezas da linguagem e, principalmente, da diversidade e unidade dos falares brasileiros. Tais questões dizem respeito à fonética e à fonologia, duas disciplinas da linguística que fundamentam nossas pesquisas na área do canto, no que se refere à dicção da língua cantada.

Como já referimos em Rocha (2013:110), na dicotomia fala-língua, Silva (2011: 73) considera que a fonética se apresenta como disciplina descritiva, que “*descreve o som real pronunciado pelo falante (som da fala), em especial as particularidades da pronúncia*” e a fonologia como disciplina interpretativa, que “*interpreta os resultados apresentados pela transcrição fonética, ocupando-se do som ideal, abstrato, acima das diferenças individuais de pronúncia*”. E também que, na relação escrita-pronúncia, existem alguns fenômenos ou processos fonológicos que provocam alterações fonéticas podendo influenciar, tanto na

fonética, quanto na semântica, além de se constituírem também como marca dialetal de uma língua; processos que podem alterar discretamente os sons da fala e, significativamente, o sentido das palavras no texto. No Brasil, por exemplo, a desnasalização em “pão” torna-se “pau”, e a desafricação de [tʃ] em “leite” pode indicar a região geográfica do falante.

Observando estes e outros detalhes característicos da língua brasileira e considerando a existência de variações que podem conferir prestígio ou estigma aos seus falantes, por hora estamos interessados em investigar até que ponto as variações linguísticas da fala quando aplicadas no canto lírico não comprometem o padrão de pronúncia almejado pelas Normas do Português Brasileiro Cantado, que visam:

Estabelecer um padrão de pronúncia reconhecivelmente brasileira para o canto erudito, sem estrangeirismos ou regionalismos, reservando-se a consideração das influências internacionais e das importantes variedades regionais e históricas da nossa língua para estudos futuros (KAYAMA et al., 2007: 17).

Dando sequência a esta temática iniciada em nossa pesquisa de Mestrado realizada na Universidade Federal de Uberlândia entre 2011 e 2013, propomos aqui um olhar sobre as resoluções de encontros vocálicos provenientes da juntura intervocabular, denominadas sândi vocálico externo, ou sândi externo (SE).

## 1. Referencial Teórico

Em Rocha (2013: 120-124) tratamos sobre processos fonológicos segmentais (PFS). Silva (2011: 73) adota este termo por se tratarem de alterações de fones ou fonemas. No campo da linguística, um processo pode ser definido como:

Operação que expressa um fenômeno em forma de regra fonológica. Uma regra fonológica se aplica a uma representação subjacente processando alterações representacionais ao longo da derivação. Um processo, portanto, transforma representações. Processos fonológicos associam as **formas subjacentes** com as **formas superficiais** (CRISTÓFARO-SILVA, 2011: 182).

Os PFS podem estar associados às variações da língua falada, como sotaques, dialetos, variação, entre outros. Para Cristóforo-Silva (2011: 91, 206, 217) variante é um termo da sociolinguística utilizado para se referir a uma forma linguística que representa uma das alternativas possíveis em um determinado contexto. Estas variações são livres e condicionadas por fatores extralinguísticos, como, classe social, idade, sexo, dentre outros. A autora considera ainda que, em qualquer língua existem variantes padrão e não padrão, ou,

variantes de prestígio e variantes estigmatizadas. Para ela, “*o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes*”, e que, geralmente, “*variantes não padrão se desviam destes parâmetros*” (CRISTÓFARO-SILVA, 2010: 12).

Na fala, sistemas sonoros podem ser apagados, inseridos ou modificados. Silva (2011), apresenta quatro grupos distintos para os PFS, sendo: 1) Apagamento (aférese, síncope, apócope); 2) Inserção (prótese, epêntese, paragoge); 3) Transposição (diástole, sístole, metátese); 4) Substituição. Encontramos cinco subgrupos relacionados ao grupo substituição, porém, neste recorte privilegiamos o sândi vocálico externo.

### 1.1. Sândi vocálico externo

Estes processos se referem à juntura intervocabular, denominada sândi - de “sandhi”, da antiga gramática hindu, termo que significa “colocar juntamente” (SILVA, 2011: 86). Para Cristóforo-Silva (2011: 198), sândi se refere ao fenômeno fonológico que se aplica em formas adjacentes justapostas e tem como motivação ajuntar ou agregar formas adjacentes; a autora classifica o sândi vocálico como externo ou interno e que este pode implicar uma ressilabificação nesta fronteira vocabular. Bisol orienta que,

O ponto de partida para o sandi externo é um processo de ressilabificação que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado e a de que, quando essas palavras se encontram e a sequência VV se delinea, independentemente do resultado que venha a provocar, degeminação ou elisão, a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte (BISOL, 1992:83). [VV = Vogal + Vogal]

*Elisão*: Para Cristóforo-Silva (2011: 98) este fenômeno fonológico envolve o cancelamento ou a queda de consoantes, vogais ou de sílabas, podendo ocorrer no interior da palavra, como em *quieto* / qu[ε]to, ou em fronteira de palavras, como em *casa impecável* / cas[ĩ]pecável. Para Collischonn (In: BISOL, 2010: 125), a elisão somente se aplica na fronteira entre palavras e, geralmente, quando a vogal seguinte for posterior: “resistênci[o]rgânica”, opcionalmente quando for frontal: “merend[e]scolar” e, se as duas vogais forem átonas: “cami[zu]sada”.

*Degeminação*: Para Cristóforo-Silva (2011: 86) neste fenômeno fonológico dois sons passam a se comportar como um único som, como, por exemplo, as duas consoantes /s/ na sequência *dois\_sucos* passam a se realizar como única: “doi[s]ucos”. Pode envolver duas vogais idênticas na mesma palavra como em *álcool*: “alc[o]l”, ou também entre duas

palavras, como, por exemplo, *toda amiga*: “tod[a]miga”. Para Collischonn (In: BISOL, 2010: 125), a degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes: “lequ[ɪ]scuro”, não ocorrendo degeminação quando a segunda vogal tenha acento primário: “menina alta”.

*Ditongação*: Para Cristófar-Silva (2011: 93) neste fenômeno fonológico uma vogal simples, ou monotongo, passa a ocorrer como um *glide*, ou seja, perdendo a propriedade de ocupar núcleo silábico. Para Collischonn (In: BISOL, 2010: 125), ditongação é o processo de formação de ditongos com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, desde que uma das vogais da sequência seja alta: [i] “gur[ja]vido”, ou [u] “bamb[wa]lto”. No português brasileiro, a vocalização da lateral pós-vocálica /l/ em fronteira vocábular com palavra que se inicia em vogal também forma ditongo, como, por exemplo, “mi[w]anos”, “ma[w]acompanhado”.

Ademais, também se observaram outras duas situações de alteração fonética, ainda carente de estudos no âmbito da pronúncia na canção brasileira de câmara, tendo em vista sua ampla ocorrência neste repertório, sendo: a variação livre, quando da liberdade em aplicar elisão ao invés de ditongação ou vice-versa; e a manutenção das formas de base, quando, em função do ritmo musical não se aplica o SE, mesmo que o contexto exista.

## 1.2 Variação livre em sândi externo

A variação livre em SE diz respeito à possibilidade de um enunciado ser realizado em ditongação ou elisão. Para Cristófar-Silva (2011: 214), o termo variante livre é utilizado para indicar formas em variação cuja ocorrência não é condicionada pelo contexto ou ambiente fonético, como, em [ba'nẽna] e [bẽ'nẽna], estando condicionada por fatores extralinguísticos, como, classe social, idade, sexo, etc. Camara Junior vê na variabilidade e invariabilidade na língua um dos percalços mais sérios da gramática descritiva:

Ela varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais. Também varia na hierarquia social, estabelecendo o que hoje se chama os dialetos sociais. Varia ainda, para um mesmo indivíduo, conforme a situação em que se acha, estabelecendo os “registros” (CAMARA JR, 2011:17).

Em nossas pesquisas, até o presente momento, a variação livre em SE no canto lírico tem se mostrado um ponto de maior necessidade de estudos, se considerarmos a valorização da norma culta prevista pelas Normas do Português Brasileiro Cantado

(ANDRADE, 1938; KAYAMA et al., 2007). Sabe-se que uma variação livre entre ditongação e elisão para o mesmo enunciado pode resultar em prestígio ou estigma em uma língua.

### 1.3 Manutenção das formas de base em função do ritmo musical

Na partitura, a notação musical oferece o ritmo do texto, podendo ou não ocorrer processos de SE em situações de fronteira intervocabular. Na Fig. 1 o enunciado “e eu” se realiza em ditongação [je:w] em função da existência de uma única nota musical grafada para o mesmo:

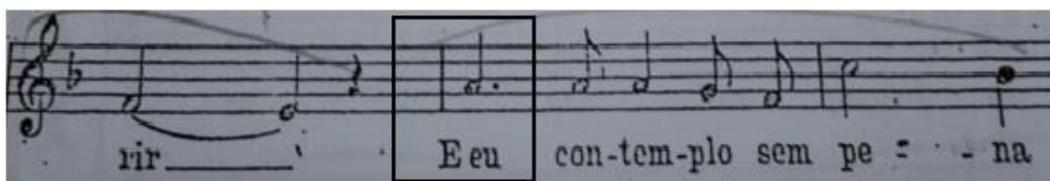


Fig. 1 – Sândi externo realizável - ditongação [je:w]  
Fonte: *Coração Triste*, NEPOMUCENO (1899).

Já na Fig. 2, embora o contexto exista, em função do ritmo musical não se realiza SE na pronúncia do enunciado “e eu”, por estarem grafadas duas notas musicais, uma para cada vogal nesta fronteira de palavras: [ɪ: e:w]:

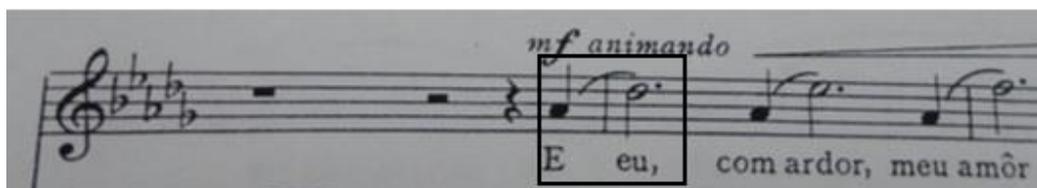


Fig. 2 – Sândi externo não realizável - [ɪ: e:w]  
Fonte: *Improviso*, MIGNONE (1932).

## 2. O corpus analisado

Os dados coletados em nossa pesquisa de Mestrado foram gravações em áudio e partituras de canção brasileira de câmara<sup>1</sup>. As gravações foram transcritas foneticamente e comparadas com as partituras com o objetivo de verificar a pronúncia dos participantes. Em geral, as análises tiveram outros enfoques, porém, para este recorte o *corpus* constou apenas processos de sândi externo. Foram coletadas 41 ocorrências, sendo: uma elisão já grafada na partitura (qu'inda); nove degeminações, sendo uma grafada na partitura (d'alvorada); onze

ditongações; dezoito possibilidades de variação livre entre ditongação, elisão e até degeminação; duas manutenções das formas de base em função do ritmo musical.

### 3. Análise de dados e apresentação de resultados

#### 3.1 Elisão

Na análise comparativa das gravações constatou-se a pronúncia esperada para a elisão grafada na partitura “qu’inda” – redução dos vocábulos “que ainda” – considerando que este PFS envolve o cancelamento ou a queda de consoantes, vogais ou de sílabas:

Ocorrência	Partitura	IPA	Gravação
ELISÃO	qu’inda	[ˈkĩnda]	[ˈkĩnda]

Tab. 1 – Elisão: partituras e gravações em áudio.  
Fonte: Produção da própria autora.

#### 3.2 Degeminação

Nas partituras, o ritmo notado para este PFS parece favorecer suas corretas pronúncias na prática vocal, embora nem todas as ocorrências de degeminação trazem uma ligadura abaixo de vogais ou consoantes em fronteira para indicar uma única articulação para os dois elementos de sonoridade igual, como em “meus sonhos”. Nas gravações, as nove degeminações foram pronunciadas de acordo com a norma:

Ocorrência	Partitura	IPA	Gravação
<b>DEGEMINAÇÃO</b>	d’alvorada	[da:wvoˈrada]	[ <b>da</b> :wvoˈrada]
	repousa <u>a</u>	[reˈpo:wza]	[reˈpo <b>za</b> ]
	recordo <u>uma</u>	[reˈkordũma]	[reˈkord <b>ũ</b> ma]
	deita <u>as</u>	[ˈde:jtas]	[ˈde:jt <b>as</b> ]
	doce <u>s</u> sabes	[ˈdosisabɨs]	[ˈdos <b>is</b> abɨs]
	quando <u>uma</u>	[ˈkwẽndũma]	[ˈkwẽnd <b>ũ</b> ma]
	violeta <u>azul</u>	[viˈoletaˈzu:w]	[viˈolet <b>a</b> ˈzu:w]
	opala <u>a</u>	[oˈpala]	[oˈp <b>ala</b> ]
	meus <u>sonhos</u>	[mewˈsõɲus]	[mewˈsõ <b>ɲ</b> us]

Tab. 2 – Degeminação: partituras e gravações em áudio.  
Fonte: Produção da própria autora.

#### 3.3 Ditongação

O PFS de ditongação pode ser específico em alguns casos. Para Bisol (2002: 237), “*um dos contextos da ditongação é exatamente o mesmo da elisão: o que contém uma vogal alta à direita*”. Nas partituras foram encontradas onze ocorrências que atendem a esta definição, sem a possibilidade de variação livre entre ditongação e elisão, ou seja, o cantor deve pronunciar exatamente em ditongação. As gravações estão de acordo com esta norma:

Ocorrência	Partitura	IPA	Gravação
<b>DITONGAÇÃO</b>	onde <u>o</u>	[ˈõdʒju]	[ˈõdʒju]
	que <u>a</u>	[kja]	[kja]
	noite <u>era</u>	[ˈno:jtʃjɛra]	[ˈno:jtʃjɛra]
	triste <u>a</u>	[ˈtristʃja]	[ˈtristʃja]
	na <u>estrada</u>	[na:jsˈtrada]	[na:jsˈtrada]
	não <u>há</u>	[nẽwˈa]	[nẽwˈa]
	<u>e eu</u>	[je:w]	[je:w]
	triste <u>abandono</u>	[ˈtristʃjabẽnˈdõnu]	[ˈtristʃjabẽnˈdõnu]
	<u>eu as</u>	[e:wˈas]	[e:wˈas]
	<u>e a</u>	[ja]	[ja]
	<u>teu amor</u>	[te:wamor]	[te:wamor]

Tab. 3 – Ditongação: partituras e gravações em áudio.  
Fonte: Produção da própria autora.

### 3.4 Manutenção das formas de base em função do ritmo musical

Nas partituras, foram encontradas duas ocorrências deste processo. Nestes casos, o ritmo notado na partitura dá origem a um hiato, definindo a sequência de dois núcleos silábicos. Nas gravações, as ocorrências foram realizadas como tal:

Ocorrência	Partitura	IPA	Gravação
<b>MANUTENÇÃO DA BASE</b>	e/eu	[ɪ e:w]	[ɪ e:w]
	pensa/em	[pẽsa ẽj]	[pẽsa ẽj]

Tab. 4 – Manutenção da base em função do ritmo musical: partituras e gravações em áudio.  
Fonte: Produção da própria autora.

### 3.5 Variação livre em sândi externo

Foram identificadas dezoito ocorrências de ditongação com possibilidades de variação livre entre ditongação e elisão e, entre estas, se encontram cinco ocorrências com possibilidade de realização em degeminação (em itálico):

Ocorrência	Partitura	IPA Ditongação	IPA Elisão ou <i>Degeminação</i>	Gravação
<b>VARIAÇÃO LIVRE</b>	fria <u>e</u>	[friˈaj]	[friˈɪ]	[friˈaj]
	tinha <u>um</u>	[ˈtʃiɲaw̃]	[ˈtʃiɲũ]	[ˈtʃiɲaw̃]
	festiva <u>e</u>	[fesˈtʃiva:j]	[fesˈtʃivi]	[fesˈtʃiva:j]
	dela <u>um</u>	[ˈdelaw̃]	[ˈdelũ]	[ˈdelaw̃]
	se <u>ela</u>	[ˈsjɛla]	<i>[ˈsɛla]</i>	[ˈsjɛla]
	nosso <u>amor</u>	[ˈnõswamor]	[ˈnõsamor]	[ˈnõswamor]
	ando <u>azulão</u>	[ˈẽndwazulẽw̃]	[ˈẽndazulẽw̃]	[ˈẽndwazulẽw̃]
	que <u>eu</u>	[kje:w]	<i>[ke:w]</i>	[kje:w]
	vejo- <u>as</u>	[ˈveʒwas]	[ˈveʒas]	[ˈveʒwas]
	cabeça <u>em</u>	[kabesãj]	[kabesẽj]	<b>[kabesẽj]</b>
	que <u>encantos</u>	[kʃẽɲˈkẽtus]	<i>[kʃɨˈkẽtus]</i>	[kʃẽɲˈkẽtus]
	estrada <u>enluarada</u>	[ɪsˈtradajluˈarada]	[ɪsˈtradẽluˈarada]	<b>[ɪsˈtradẽluˈarada]</b>
	felicidade <u>enfim</u>	[felisiˈdadʒjẽfi]	<i>[felisiˈdadʒĩfi]</i>	[felisiˈdadʒjẽfi]
	como <u>a</u>	[kõˈmwa]	[kõˈma]	<b>[kõˈma]</b>
	essa <u>imagem</u>	[ˈesajmaʒẽj]	[ˈesimaʒẽj]	[ˈesajmaʒẽj]
	puro <u>e</u>	[puˈrwi]	[puˈrɪ]	<b>[puˈrɪ]</b>

santo <u>amor</u>	[ˈsɛ̃ntwamor]	[ˈsɛ̃ntamor]	[ˈsɛ̃ntwamor]
do <u>oceano</u>	[dʷosjˈɛ̃nu]	[dosjˈɛ̃nu]	[dʷosjˈɛ̃nu]

Tab. 5 –Variação livre: partituras e gravações em áudio  
 Fonte: Produção da própria autora.

Quatro destas ocorrências (em **negrito**, Tab. 5) foram realizadas em elisão, sendo que duas não comprometem a norma culta da língua: “cabeça em” [kabesɛ̃] e “estrada enluarada” [ɪsˈtradɛ̃luˈarada], enquanto as outras duas comprometem fonética e semanticamente os enunciados: “como a flor” [komaˈflor], sugerindo o verbo “comer” e, “puro e santo” [purɪˈsɛ̃ntu] característico da fala coloquial, de certa forma, estigmatizada no canto lírico. As demais ocorrências (catorze) foram realizadas em ditongação. Este resultado parece conferir prestígio à pronúncia dos cantores participantes.

#### *Ditongação, elisão ou degeminação?*

Embora realizados em ditongação nas gravações analisadas, tomando por base o ritmo notado na partitura, os enunciados: “se ela”, “que eu”, “que encantos”, “felicidade enfim”, “do oceano”, sugerem também a degeminação, podendo ser pronunciados: [ˈsɛla], [ke:w], [kĩŋkẽntus], [felisidadʒĩfi], [dosjɛ:nu]. Qual a pronúncia mais indicada?

#### *Ditongação ou elisão?*

Geralmente, na fala, enunciados como: “tinha um” e “dela um” se realizam em elisão: [tʃĩnũ] e [dɛlũ]. Nas gravações analisadas estes enunciados foram realizados com ditongação: [tʃĩnaũ] e [dɛlaũ], conferindo prestígio à pronúncia dos cantores participantes. Como se vê na Tab. 5, no total de enunciados, a elisão ocorre em menor escala que a ditongação. Na maioria das ocorrências analisadas, a elisão parece conferir estigma à língua cantada. Quanto à pouca possibilidade de elisão, Bisol (2002: 237) alerta ser a ditongação a mais ocorrente, a mais rica em oportunidades de aplicação.

Em relação ao canto, não encontramos ainda estudos que tratam especificamente sobre a variação livre em SE. Cristófaros-Silva (2010:12) considera que “*falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais, a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas*”, e assim se determinam as variantes de prestígio e as variantes estigmatizadas, sendo que, algumas variantes podem ser consideradas neutras do ponto de vista de prestígio. Quais seriam estas variantes neutras na pronúncia do português brasileiro no canto lírico?

## Considerações Finais

O sândi externo e sua tripartida elisão, degeminação e ditongação é um fenômeno bastante comum na língua brasileira, sendo de ampla ocorrência na fala e no repertório de canto erudito e popular. Todavia, não há um consenso sobre a resolução fonética ideal para estas ocorrências quando se trata do canto lírico. O que deve ser preservado (norma) e o que é intrínseco à identidade linguística brasileira? Até que ponto a variação livre em SE pode ser praticada no português brasileiro cantado, principalmente nos casos de ditongação? Tais questionamentos apontam para a necessidade de novas pesquisas sobre a pronúncia de encontros vocálicos na canção brasileira de câmara.

## Referências

- ANDRADE, Mario de. Normas para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito. *Revista Brasileira de Música: Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil*, Rio de Janeiro, 1938, v. 5, 1º fascículo, p. 1-35.
- BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas. 1992, p. 83-101.
- \_\_\_\_\_. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPURCS, 2010.
- BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs). *Fonologia e variação recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPURCS, 2002.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 44. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CRISTOFARO-SILVA, T. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2010.
- KAYAMA, A. et al. Normas para a pronúncia do português brasileiro no canto erudito; OPUS; v. 13, n. 2, dezembro, 2007, p. 16-38.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MIGNONE, F. *Improviso*. Rio de Janeiro: Carlos Wehrs, 1934. Partitura. Canto e piano.
- NEPOMUCENO, A. *Coração triste*. [S. l.]: [S. n.], [1899?]. Partitura. Canto e piano.
- ROCHA, Jeanne Maria Gomes da. *Contribuições da fonética no processo ensino-aprendizagem da pronúncia de línguas no canto*. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes/Música), UFU, Uberlândia.
- SILVA, Fernando M. da. *Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa*. *Littera Online*. Universidade Federal do Maranhão, n. 4, 2011, 72-88.

## Notas

---

<sup>1</sup> As canções gravadas pelos participantes da pesquisa foram: *A casinha pequenina* (Anônimo), *Acalanto* (Dinorá de Carvalho), *Azulão* (Hekel Tavares), *Canção do poeta do século XVIII* (H. Villa-Lobos), *Coração triste* (A. Nepomuceno), *Foi boto, Sinhá* (W. Henrique), *Improviso* (F. Mignone), *Quando uma flor desabrocha* (F. Mignone), *Róseas flores d'alvorada* (Anônimo), *Soledades* (G. Velasquez).